

JOAQUIM FERRER

OBJECTOS DO SILÊNCIO

G A L
I Z A

L I S B O A
1 9 9 4

OBJECTOS
DO SILÊNCIO

DO AUTOR

RAMPAGODOS, Lisboa, 1941

ILHA DOIDA, Coimbra, 1945

**A MORTE SEGUNDO ESTÁCIO DE SAA,
Rio de Janeiro, 1968**

OBJECTOS RECUPERADOS, Lisboa, 1969

ORNITORRINCOS, Lisboa, 1970

OBJECTOS DO SILÊNCIO, Lisboa, 1994

JOAQUIM FERRER

OBJECTOS DO SILÊNCIO

G A L
I Z A

GALIZA

Tenho de gostar dela
vejo-a da janela de manhã
a pentear-se
é tudo o que eu tenho lá para cima
é ela aquela diferença
entre ser eu e eu todo
é o ser inefável e primordial
como um redondo seio
é o que não está acabado ainda
por estar longe o filho
que eu sou aqui ao fundo em mim mesmo

eu que não sabia ainda
de onde tinha vindo e nascido
vim lá de cima do alto
da terra túmida e forte
a terra madre que ficou separada
a perguntar sempre
se com o dia eu voltava

— eu ia ali apenas dar a volta ao mundo
ia ser gente na crista das ondas —
olhei tanta vez para trás a perguntar:
— quem sou? estarei vivo?
ou serei apenas o voo largado
de uma terra finisterra que deu o leite
o sangue e o estro
tudo enfim que faz de mim
a voz do regresso?

mal entendo já aquela distância
dividida por imaginária linha
verde-azul duma água que caminha
e desce de onde os olhos choram
por me terem prometido o não esquecimento
estou a caminho da minha alma antiga
tão perto te sinto
madre da minha madre
Terra da minha terra
milagre que recomeça

oiço a minha língua antiquíssima
minha esperança herança e sentido
volto às fráguas e às fontes ancestrais
aos fatais caminhos de regresso
teus braços por cima de fronteiras sem justiça
tua imagem no meu leito nunca furtada
gravada de novo nos novos países
trago-a comigo como lembrança
regresso de pé e abro a porta
e digo ao mundo: sou eu! aqui estou!
beija-me e recolhe-me em teus braços
teu filho dos séculos vem curado
deixei à porta o meu barco
e quero agora contigo flori-lo

HOMEM DO MAR

Ao virar da noite contra a mulher
o lavrador exaltou-se:
«Ando aqui em riste a sofrer deste composto
só sei que oiço vozes cá dentro
logo que me dispo e deito
— olha para mim mulher e diz
se não tenho ar de tresnoitado,
ou lobo do mar te pareço?

«Homem doido e tresloucado
a falar do que nunca viste
podes até ser um perigo
p'ra nós todos e freguesia!

«mulher vê se percebes o que eu digo:
o que sinto é um cheiro de algas e maresia
tem rabo de peixe e parece uma sereia
um cheiro terrivelmente afrodisíaco
que até me atira ao ar — e levito!

«as tuas sereias são as vacas do curral
o cheiro que tu cheiras é da bosta natural
andas com o tento nas cachopas
— pensas que eu não sei o que tu sonhas?

«a sereia que eu vi estava nua em pelote
vi-lhe tudo vi-lhe os peitos que os tinha
como nenhuma cachopa
vi-me tonto como quando
tomo aguardente de medronhos!

«onde estás tu a ver isso? — aponta com o dedo!
quero saber se vejo o que vês que se não vejo
dou-te com uma cavaca quanto às tetas
são as da cabra malhada

«mulher já te disse: é um cheiro aberrante
um deveras infernal!
cheiro que faz subir as trancas
não há porta que resista
— pensas então que eu minto
ou queres levar-me ao hospício?

«não quero levar-te a parte nenhuma
nem amarrar-te à trave da loja
salta mas é da cama como um cabrito
vai arrancar o cebolal
e leva a cesta senão despejo-te um balde
de água fria na cabeça!

«mulher não sou animal qualquer
de capoeira nem cão de quintal
sou quem vê as coisas raras afinal
— não posso ver o que me apetece?
ou pensas que eu sou algum disparate?
nunca viste sereia — é normal
quere que eu vá com ela, acenou-me
e que sabia até o meu nome
— será isto ficar a sonhar alto
ou lobo do mar te pareço?

«pareces-me lobo da serra
mais na terra do que no mar
mais na lama do que na terra
e quanto à dama que viste a nadar
o nosso mar maior é o tanque

«serei eu náufrago do mar aqui arribado
sem nau nem barco a vento ou a remos
talvez que eu tenha acordado na praia
senão de onde este cheiro a sereia
que me tenta?

«muito de encoberto em tudo isto
de mistério e feitiço
este cheiro de mulher e fim de mundo
de algum aviso me parece...

Encoberto só conheço o rei nosso
morto por infieis por ser lindo e valente
diz-se que há de tornar
em manhã de nevoeiro
em ginete montado a salvar-nos

«— isso acredito porque isso é necessário
e bonito!

CONQUISTA

— a chuva a postos! gritaram da escada
e perfilámo-nos
como hirtos soldados

marchámos em frente
na direcção do ocaso
que resplandecia

tínhamos de assaltar
alguma coisa
naquele dia!

tínhamos de comparecer
ao dia seguinte
cada qual com sua
glória na mão!

esperavam-nos medalhas
de ouro
— infelizmente verdadeiro

tínhamos um desejo louco de ter
alguma coisa ao peito

alguma coisa a brilhar
que nos pudesse levar
como uma caravela.

1.9.197...

UM SANTO

De báculo
 sacralizado
 na mão
eu saía de casa
 à rua
passar como qualquer cidadão
 então brincava com as crianças
que me pediam o báculo
 para saltar à vara
ou para servir de baliza
 enquanto jogávamos futebol
depois
 agradecido ao Senhor
voltava para a cela
 do mosteiro
 de báculo
na mão
 que arrumava no bengaleiro
 ao pé do guarda-chuva
e da bengala de Malaca

13.1.1992

NO RIO

foi no açude de um rio...

os peixes
as bogas
as enguias

por entre as pernas passavam
de Suzana
mas o que mais lá ficava
nas águas várias do rio

eram as côxas dela
depois que se banhava...

a fina pele resplandecia
à luz molhada
do meio dia
era Suzana
que se banhava

23.3.1992

A ÁGUA DO TANQUE

A água do tanque
 tranquilizou-me
por ser rectangular
 e constante

a água do mar
 faz medo e atrai
e diz a quem lá vai — que
 pode ir e não voltar

a água do rio nunca volta
 à fonte de onde nasce
mas eu volto ao que é sempre
 movimento de pensar

sou propenso a repensar
 e repenso como existo
se existo no que penso
 não posso deixar de pensar

todo o mundo é um texto
 com frases palavras e ditos
nunca leio como quero
 aonde já tudo está escrito

UMA RAINHA

Uma rainha
ainda menina
só de pensar
em seu belo reino
engravidou!

uma rainha
que era tão linda
que era tão querida
que até podia
pejar sozinha

uma rainha
que era menina
por isso não tinha
o reino ainda

agora é má
e reina só
em mim não reina
nem reinará

O LOBO AJOUJADO

O lobo ajoujado
de luzes e lantejoulas
que tinha
roubado
e ainda no lombo
os quartos trazeiros
dum cabrito
pulou o muro
— e safou-se!

não sem
antes
fazer um manguito
a quem lá estava

já no cume
do monte
ainda disse:
catano
se eu tivesse um canhão
em vez de bandido
seria chefe
ou presidente
da nação!

DIA A DIA SERVIA AO GATO

Dia a dia servia ao gato
a refeição no prato
da dinastia Ming
prato qua valia
um colhão de gatos!

até que chegava um comprador
que pagava o gato
e levava o animal
mas não o prato

que ficava para
o próximo gato —

não tardava que voltasse
o consumidor lamentando-se
que o gato andava triste
e perdera o apetite
não comia não urinava
acostumadinho, coitado ao prato
do império da China

então o negociante explícito disse
que o seu negócio não eram os pratos
mas só os gatos

— só os gatos!

— CUMPRA-SE!

- Cumpra-se!
entoaram os sábios de Sião
- amanhem-se! berraram
os estetas de Alferragide
- cuidem-se!
gritou o médico obstetra
- uma merda! obtemperou
o crítico de arte acrílica
- e todos tiveram razão
e só eu não disse nada
não sou nenhum díscolo abstruso

NOVAS PROFISSÕES

Era um
pescador de cais à cana
que passou
a passeador
de cães profissional
lá no bairro
e então passeava
para cima
e para baixo
como um
vaivém espacial
lá no bairro
com os cães
lá do bairro
enquanto os donos
repimpados
passeavam olhos
pelos jornais

AMADEUS MOZART

Dizer que sei quando morri
 é tolice!
 esqueci!
 olvidei!

Nada sei
 do que existi
 talvez sem necessidade
 de pensar algo aqui

ou até simplesmente
 deixei de pensar...
...já lá vão duzentos anos?
 sou Mozart

Gottlieb ou Amadeus?
 — que importância tem?
 aqui tudo é supremo
 e supérfluo mas não sublime

— se eu tenho a mesma importância
 por cá?

— não tenho
 aqui todos compõem tão bem
 que até nem a crítica

nada tem a dizer

10.1.1992

A CRIANÇA

A criança
 mui solerte
 alerta e fria
apontava
 com o dedo
 num grito de espanto:
Eis o gato!
 um gato!
 mui gato!
e então o gato
 saliente
 de repente
soltou-se do prato
 pintado à mão
 da china
 e foi-se como o estalar
 de dois dedos

ESTÁ NOS JORNAIS QUE LEOPARDOS

Está nos jornais que leopardos
havam jantado à noite,
quem os tinha civilizado!

e que os ursos brutos do mato
arranham à minha porta
para que eu os mande entrar

como posso concordar
que bichos que mal conheço
se ponham em mim a rosnar?

entretanto não muito longe
sei de frágeis codornizes
presas de cordas e laços

vão vê-las atrás das grades
aos domingos e feriados
famílias com seus petizes

bem sei: tiranias heroicas
montam nelas a cavalo
e depois não sabem descer

UM PINTOR

Um pintor
de bisontes afundou-se
na caverna

onde
estavam homens sentados
de capas de borracha
murmurando

e na mó de pedra ao centro
um alce destrozado
assado e fumegante
na grelha eléctrica

O PINTOR DE BISONTES

O pintor de bisontes
alimpou
as mãos à parede
— e foi-se

e foi isso que eu achei
vinte mil anos depois
quando

desci à caverna
defrontar
a consciência

OS BÚFALOS

os búfalos inquietaram-me bastante
naqueles fundos sujos das Áfricas
forças que vieram dos fungos
encharcados de chuva
e relâmpagos

búfalos bicéfalos sucederam-me esta noite
a meio da noite, secretamente

tive a intuição súbita de minhas feridas
florescendo nas carnes como crimes

os tijolos adornaram-se com dentes
de animais sagrados
e passaram a vau pelo rio
até ao outro lado

somos realmente sozinhos neste lugar
deserto
sem tecto
ninguém tem mais solidão no espaço
do que nós e do que eu

faço um apelo às próximas galáxias
para virem visitar-nos!
tanto sofrem elas quanto nós
desta nossa ausência de sois

31.8.197...

O SAGRADO METAL

converteram-se os búfalos em fontes de bronze
e com isto perderam-se toneladas
daquele precioso metal

jamais se pôde fazer mais do que se fez
naquela última noite de sol e silêncio
fez-se tudo — e até parir o mundo

lá atrás os anos sinistradamente amontoados
como castelos tortos
ou muros
carregados de lagartos
e plantas vorazes

tudo isto me deixa num mal d'universo
cá dentro
nem instrumento tenho para medir
este peso que me vem de pensar e de ser eu

31.8.197...

REUNIMO-NOS TODOS

Reunimo-nos todos
um belo dia
e dissemos bom dia!

descemos à rua
estudar os olhos
que lá se conhecem

remexemos o lôdo
com uma vara longa
de trinta gerações

tirámos os nossos e pusemos
corações plásticos
com válvulas de aço

colocámos cabeleiras postiças
e os pedais
presos às pernas

e fizemos guerras
porque estávamos
de poucas palavras

que lá trocámos
pelos projecteis
rumorejantes

assobiaram-nos
ao ouvido
pássaros de ferro

quisemos até
pôr na gaiola
vários deles

uma ingenuidade
segundo mais tarde
lá nos disseram

1.9.197...

EN-VOLVENDO

En —

volvendo a terra num

círculo

de fogo

e água

parecia a guerra

mas não era

era já

outra era

ainda não

conhecida

O OBJECTO

O objecto

das profundezas

do céu

parou

de repente ou re-

pentinamente

parou

pairando em folha seca

de amieiro

de amianto

e quando eu ia

pedir-lhe a chave

do universo

pôs-se

em movimento

retomando a sua

in-variável

eternidade

OLHOU-ME

Olhou-me
com seu olho azulíneo
e mineral

e lá ao fundo
eu vi
o universo retinindo

num ponto
cruzado
de linhas

e duas eram minhas:
— o sim
— e o não

29.4.1991

POR CIMA ROLAVA

Por cima rolava

o trovão raivava
em curva gélida

o rio em chamas

circundava
uma face

sombria

e eu
murmurava palavras

sem saber

a quem
as dizia

29.4.1991

VAGO ENCONTRO

Um navio
rápido como um raio
corria
para a praia
como um raio

a bordo
não se via
vivalma

na praia
não se via
ninguém

e a terra
suada
vermelha

não havia
ninguém à minha espera
ou já então era nunca
na terra vermelha

Ó NOITES

Ó noites banidas
incestuosas
ó noites cativas
de minhas mãos!

ó noites brancas
que nunca vi antes
mas sei que existem
cá dentro deitadas

ó relativas
noites amigas
que me exaltaram
dando-me est'arte!

ó noites longas
onde subi
cansei os pés
fora de mim

30.8.197...

FUGIDIO COMO UM VERSO

Fugidio como um verso
um pássaro
um pássaro
ou um peixe
no pego
luzidio como um peixe
um pássaro
um pássaro
ou um verso
no ego

2.1.1992

BRINCO COM AS LETRAS

Brinco com as letras
como quem brinca
com os cometas ou as tetas
das estátuas brancas
e sento-me à sombra e alinho
umas atrás das outras
as figuras
libidinosas
e de um sopro
disperso-as na natureza —
com o supremo gesto
de quem tem o tempo todo
do universo inteiro

então brinco
só por brincar
só por saber
que não mais vou brincar
porque com o tempo ninguém brinca
ao esconde-esconde

POEMAS RECOLHI

poemas aos montes
nas praças parados
levei-os para casa

aqueci-os
neste cio universal

alguns caíram
das montanhas carregadas
de pesadelos e pedras

à noite vi-os
encostados às esquinas
fumando entre os dentes

imprudentes
que ali estavam
gastando a vida feliz

estes poemas
vieram de muitas
e variadas partes
estes poemas
desconjuntados
feitos em cacos

recolhi-os
a todos eles
com as mãos
assim como os vi
assim os trouxe
e repeti

31.8.197...

HÁ PALAVRAS E PALAVRAS

Há palavras e palavras
e palavras que não existem
e palavras que prosperam
e palavras que abandono
por já não serem precisas...

como é que há palavras zero
que não começaram ainda?
sei que as há porque as sinto
porque as oiço porque as trinco
falam comigo à noite
e durante até às cinco

há palavras malditas
que desencadeiam negrume
as que cortam
e têm gume
e as com as quais não me importo
e as que dizem adeus
depois de me terem falado

eu próprio sou uma palavra
antes de tudo e mais nada
uma palavra que vibra
entre os dedos de cristal
de quem me ama e me toca

3.6.1992

SUSPEIÇÃO

suspeição das palavras tenho às vezes
componho obras sem elas
poemas felizes
que ninguém vê
— senão eu

31.8.197...

E QUASE CAÍRAM DE CU

E quase caíram de cu
 ao saberem com espanto
 que eu não sabia nada!

nem queriam acreditar
 e caíram de catrâmbias
 porque de nada eu não sabia!

só sabia de cabras e de patos
 de recos e de carochas
 de lobisomens e cobras

e de pintassilgos e melros
 de reizinhos a cavalo
 — era eu quem mais sabia

mesmo de poços e pontes
 e de enguias e alfaiates de água
era eu que disso sabia
 — então de que não sabia?

ainda eu não lia nada
 e já lia: Pare Escute Olhe

e as letras me paravam
me escutavam e olhavam
— então do que eu não sabia?

pois porque não sabia
advérbios e conjunções
e nada de orações
— então eu não sabia nada!

olhavam para mim aflitas
as coisas e as pessoas que sabiam
que de nada é que eu sabia

12.1.1993

DE TEMPOS A TEMPOS

De tempos a tempos

cuspia

na cara dos outros

na grande obra

dos outros

a ressarcir-se

— porquê? — de quê?

porque os outros

eram os outros

e ele era ele

na cara de quem

os outros

cuspiam

com estrépito

feito de silêncios

obsessivos e outros

18.4.1991

ALGUÉM CRESCE

Alguém cresce
ou desce
a escada
infundada
a prumo
— disse eu
cá de fora
sem que ninguém descesse
quem cresce em mim?
perguntei
— quem sobe e vem
sem um ai
e a escada
apenas
rangeu
com passos
que pareciam
os meus

LÁ EM BAIXO

Lá em baixo

ao fundo

ao longe evanesendo

não havia

senão lonjura

impura

pintura

e sobre ela a vozeria

de quem comigo

se parecia

UM DEUS TEM MIL OLHOS

Um deus tem mil olhos
para ver se tudo
funciona a contento
e eu cá em baixo
olho o que penso
que sou quem vigio
o homem por dentro

um dia inventei
os vidros de alcance
e agora vejo
cada vez mais distante
mais fundo e mais longe
e os mundos que alcanço
só fez aumentar
o mistério deste

UM ANO

ora aí está! — o ano acabou
dizem que de velho morreu
um ano
que ainda mal o tinha...
e até hoje não voltou

1.9.197...

ESTE POEMA INFRUTÍFERO

Este poema infrutífero
até a mim me põe em causa
quanto mais a ti sem rosto!

se me apalpo logo digo
— existo e choro fundo
pois podia não existir!

se acaso não achasse
em teus dedos minha face
quem diria que existo?

a menos que eu mentisse
e eu mesmo inventasse
aquilo que não existe

por isso não digo e afirmo
que eu só sou a verdade
por ser eu a verdade única

sou propenso a repensar
o que sinto duas vezes
é por ficar a pensar

existir não existir?

é um assunto privado
para eu mesmo decidir

neste vício de estar vivo

às vezes de mim me despeço
e me esqueço até de viver

20.4.1992

QUE FAREI DAQUI PARA DIANTE?, PERGUNTO

Que farei daqui para diante?, pergunto
que farei dos dias e de mim
que passam sem eu dizer nada
que dias são esses que passam
para onde vão os meus dias
que deles não sei o que faça?

Abrigo-me à sombra do telhado
há quem esteja lá dentro a grelhar
a arrumar e a lavar
ou de braços no ar
sem saber porque assim fica

então o remédio é perguntar
ao longo do dia perdido
que lhe digam a verdade
ou então marchando no escuro
ouvindo apenas ao longe
alguma palavra isolada

é o que ando a fazer há muito
vou recolhendo uma a uma
palavras que andam no ar
palavras que não conheci
e não me servem para nada
senão para nelas pensar

CANSADO

Cansado

de estar cansado
que até de mim me canso
só por estar a descansar

assim me vou cansando
e descansando de estar
ou de ser e de ficar
ando e pulo enquanto descanso
e descanso enquanto ando

removo pedra enquanto penso
com a picareta da alma
vou escavando e furando
enquanto mando e me lembro

12.1.1993

RECORDANDO RECORDAÇÕES

recordando recordações
na penumbra
do fundo

adormecidos
reencontros
comigo mesmo
sentados

discursos que já estavam
pálidos como antigos retratos
daqueles álbuns de família
quando todos já são mortos
deixaram apenas seus rostos
sem os corpos
incorporados
envoltos nas vestes
dos sonhos voláteis

2.1.1992

PENSOU TANTO

Pensou tanto
tão fundo
tão dentro que
se pensou imortal
porém não
imortalizado
que imortal
é pouco se comparado
por não ter
as vivências
que a vida consente
que a vida a viver
acrescenta

AH, SE EU FOSSE UM DIA FERIADO

Ah, se eu fosse um dia feriado
dia em que nada houvesse
senão o próprio dia feriado?

e se de mim me esquecesse
e andasse à minha procura
e só de ti me lembrasse?

e como havia explicar-te
que sou eu quem era dantes
mais este sou agora

se eu fosse quem delibera
quem grita e quem berra
e não quem dorme e se despe?

e se eu fosse a ilusão
dos sentidos que me sentem
mas me mata de verdade?

e se eu fosse quem não encontro
em mim e em parte alguma
perdido algures no presente?

e se eu fosse quem se gasta
como uma vela de estearina
que me esconde o que ilumina?

18.4.1992

NÃO CONTEM COMIGO

Ah, não contem comigo senão para o insólito
o interdito e o excesso o recôndito e o maldito
— o que gere ansiedade!

a nada mais me comprometo
em nada mais compito
ou me submeto

comigo não contem portanto
senão para isto
que não signifique
ou não tenha ainda nome

quero estar disponível até onde
ninguém nunca foi
para os lados para o centro para o alto
para o fundo

para o que der e vier estou aqui
(aqui está o que não devo dizer)
esperando ausente
que sei virá nunca
porque ser ausente é a sua
principal qualidade

aqui estou eu pronto para tudo sobretudo
para o disperso e o incerto
o desmedido invisível
incrível e absoluto

procurem então por aí
pelo tempo fora adiante
onde oscilante
devo ter estado

depois não digam que não encontram...
se de mim precisam
para numerar-me
localizem-me pela voz sobretudo
por entre o fundo das cidades queimadas
onde durmo
por nada neste mundo me acho
responsável
— tudo pronto acabado perfeito
quando cheguei
e ainda agora quando falo
me tapam a boca

outros mundos talvez eu ache
para consolar-me deste
onde tudo achei pronto e acabado

DOENTE

Doente

ao longo dos dias doente
preencho os dias doente
como se os dias sofressem
como se eu imitasse os dias
os dias em que estou doente

se eu arranjasse uma metáfora
uma boa metáfora e suprema
que assumisse a responsabilidade
de eu estar doente sem o estar
sem que eu o dissesse imanente
mas que só obscuramente o soubesse

assim estou doente sem mais nada
dependente de uma só palavra
que me agrava
será que a palavra está doente
ou da palavra eu doente?

se for só eu a estar doente
ainda aguento
mas se a palavra também o está
não sei o que faça
de mim e da palavra
se comigo está do corpo e da palavra doente

27.1.1992

COMO SABER SE ESTOU MELHOR

Como saber se estou melhor
se de mim agora não sei?
— melhor de quê?
pode ser até que eu não esteja
melhor se não estou
pior de nada?

tenho-me debruçado
sobre o pior e o melhor
para saber o que estou
se estou ou não estou
pior ou melhor
porque se estou pior
estou piorando
porém se melhor
estou melhorando
só que as melhorias
ou piorias
não são simples
nem fáceis
e podem ser
fabricadas
pelas fábricas
que fabricam
o fácies

16.1.1992

ANDO UM POUCO TRISTE

Ando um pouco triste
por ser o fim do ano
como se fora o fim do mundo
como se fora o fim de tudo
e já agora o fim de nada

por isso ando um pouco triste
que me lembra alguma coisa
a que chamo o fim do mundo
ou então não chamo nada
por não ser coisa nenhuma

que eu saiba não se acaba
(impressão minha amarga)
que parece o fim do mundo
e talvez não seja nada
este sentir o sem fim
das coisas que mandam em mim

11.8.1992

ANDO UM POUCO TRISTE

Ando um pouco triste:
 ou um pouco vago
 se vivo estou
 é porque penso
que vivo é ser isto!

se morto estivesse
 era diferente
 passava adiante
e ia contente
 com desinteresse

não sei estar morto
 estar vivo não sei
 estou mais no que penso
 ou mais no que faço?

se faço não penso
 se penso não faço
 é isso que dá
 aquela indiferença

procuro ao lado
 um mundo assim
 não sei o que é estar
em mim sossegado!

26.6.1992

NÃO SABEMOS ONDE ESTAMOS

Não sabemos onde estamos
nem se vamos
nem se vimos

este lugar tão sombrio
que se veste
de névoa e frio

este lugar onde acontece
e parece
que nos sentimos

onde estamos?
onde vamos?
é pergunta que fazemos

mas ao longe
apenas entendemos
a voz nossa que ouvimos

AO FIM E AO CABO

Ao fim e ao cabo
se morro acabo
se vivo digo
se digo falo
— calado não vivo

e se por acaso
calado me fico
não é que me fique
mas quando medito
medito calado

se ao mundo assisto
e isto é o mundo
mundo é um susto
mas fico a ver isto
enquanto cá ando

por mais que eu ache
graça a mim mesmo
choro em meus braços
mas o que eu choro
são lágrimas de criança

30.6.1992

MOLDAM-ME RITMOS

Moldam-me ritmos
que guardo cá dentro
e vieram no tempo

o que custa não é morrer
mas o pensar que se vai
dentro de nós cá morrendo

no perigo de viver
flutuo como jangada
que joga e é jogada

morte não dá prazer
porque se desse haveria
muito mais gente a morrer

ando sempre um tanto vago
no mar alto por não ter
já terras para calcar

— que jogo é que ando a jogar?
às vezes pergunto e paro
sem ninguém me responder

esqueço de que estou vivo
e tantas vezes me esqueço
que vivo sem dar por isso

16.4.1992

POR MAIS QUE PENSE

Por mais que pense
por mais que gema
só me disperso
no que acontece

sei lá se vou
ou se vou indo
— sei que vou sendo

só porque quero
só porque penso
— sei lá se quero
sei lá se penso

eu não sei de nada
de mim eu não sei
só me subentendo
por ser eu assim

o melhor é não querer
o melhor é não ser
o pior é ficar
a olhar para mim

10.6.1992

MEU TEMPO

Está aí o ano passado
que aqui me encontrou
apesar de ser passado
e por isso aqui estou

assim o ano passado
por cima de mim passou
passou por ser passado
mas não que de todo passasse

nunca se passa o passado
de todo porque não passa
o passado é trespassante
e me encharca ao passar

um antepassado sem nome
que fazia aqueles passes
de uma já esquecida arte
como se fora passaporte

e aquelas paciências
que lá se faziam em casa
eram nosso passatempo
que tão lento se passava

e assim pouco a pouco
se fez o tempo passado
que por nunca ter passado
ficou para sempre o meu tempo

SE EU CÁ ESTIVESSE

Um instante
um instante só
vou ver quem é

se for eu a bater à porta
direi simplesmente:
— não está!

se eu cá estivesse
não andava
de cá para lá
lá fora de mim...
estaria nalgum lugar pre-
concebido in-
discernível
imóvel
estático

ora eu tenho este hábito
ou lá o que é
de me fixar no errático
estético e só

tenho de ocultar-me
não me irritar
ganhar a calma
do inexistente

tenho de tratar-me
da fúria da vontade
— isso que quer
e não sabe o quê
— exactamente

QUE ME IMPORTA A ETERNIDADE

Que me importa a eternidade
 que me lança um olhar frio
 ali à frente
ao lado e ao fundo do instante?

que me importa a eternidade
 de um passado inoportuno
 que visito e não entendo?

que me importa o futuro em névoa
 uma légua de futuro
 onde caminho não dá?

que me importa o lugar onde
 o lugar que
 o lugar fora...

que me importa a eternidade
 se eu é que mudo de idade
 e ela nunca se altera?

uma semana na eternidade
 é menos que um fim de semana inglesa
 a ver um whisky
 a olhar-nos da mesa

25.5.1992

É CERTO
QUE O TEMPO SE ESGOTA —

É certo que o tempo se esgota —
passa portanto
nalgum cano

chamo por conseguinte o canalizador
e comento: procura o cano
e quando o encontrares
entope-o com chumbo e com cimento!

ele responde atormentado:
se entupo o cano
o tempo vai estagnar
e o mundo apodrece
como que por encanto

replico estourado:
já disse: entope!
sou eu quem mando e ordeno

se alguém há que não entenda
mando açoitá-lo publicamente
e encerrá-lo
na torre do tempo e silêncio
como um vulgar maquinador!

18.11.1981

PARA MORRER É QUE SE NASCE

Para morrer é que se nasce
com ou sem alarde
morrer é sempre iminente
muito mais do que nascer!

quem nasce indiferente
nada sabe do que se passa
do que vai e há-de passar-se
contente ou descontente

vai vivendo vai crescendo
ou até diminuindo
e pergunta de vez em quando
se vale ou não vale a pena

de que vale valer a pena
se da pena não se lava
nem com razão nem com água

então desata a berrar
pede socorro e auxílio
pede até um canhão
e vai para a janela exortar-se

só então se lembra aderir
a algum santo transcendente
que lhe prometa o amor
que lhe roubou nascimento

SEM SABER PORQUÊ SOFREMOS

Sem saber porquê sofremos
sem saber porquê amamos
e aqui nos abastecemos
talvez sem ser preciso
é que amamos e morremos
por serem ambos extremos

temos de tudo aprender
e quando já começamos
a saber então morremos
é uma estranha coisa essa
enorme perda de tempo
porque então o perdemos?

o mais difícil de tudo
mais do que fazer o mundo
é aprender a viver

viver não é só respirar
viver é ficar à espera
do que o mundo quer dizer
é por isso que se perde
imenso tempo a olhar
para as nuvens a passar

16.4.1992

SEMPRE QUE ME DOI PROCURO

Sempre que me doi procuro
saber o que me doi pelos dedos
e fico duplamente preocupado
quando a dor se esvai
sem saber para onde foi

Chamo então devagarinho
e tão baixinho
para a dor não assustar
dor que não sabe o meu nome
se eu não o disser seguido ou precedido
de um palavrão qualquer

Dói-me mas o que me doi
é o mistério maior e eterno
que pode continuar a doer
esteja eu onde estiver
e até sem eu cá estar

Se procuro a dor algures
é que sei que ela existe
me prefere e assiste
não desiste nem quer
deixar em mim de doer

Então doi e me dá
este e aquele mau parecer
que mal parecendo me exhibe
me expõe e corrige
sem me dar tempo a pensar
mas quando penso é isto
em que não sei se acredito

23.12.1992

O EU QUE EM MIM SE DISSOLVE

O eu que em mim se dissolve
o eu que em mim se moldou
o eu que enfim sou eu!

onde está o que não sou
senão enfim no que estou
e em mim assim é que está?

sobre mim me ramifico
me restauro e inauguro
— oh minhas ruínas magníficas!

sofro de humanidades
sacrifico-me esconjuro
de estar vivo é que mais soffro!

vivo no perigo iminente
esse perigo de estar vivo
sobre mim ao comprido

19.4.1992

GENTE QUE BATE EM SI MESMA

gente que bate em si mesma
e depois se põe em fuga
para de si se livrar!

quere apenas demonstrar
que a fuga é necessária
para dentro ou para fora

e com toda a santa fúria
se põe na avenida a urrar
até ser eleito ou preso!

gente que pula em cima
de seus próprios sentimentos
com vela acesa na boca

gente enfim definitiva
que no jornal sacia
sua fome de sentimento

como quem enfia alfinetes
nos olhos do bem amado
no retrato em cima da mesa

A DEUS DIGO E NÃO DIGO

A Deus digo e não digo
que o perigo não é perder-te
é perder-me neste
labirinto de existir!

isto digo eu a mim mesmo
enquanto me enredo e atolo
mas prometo voltar sempre
enquanto houver tempo e consolo

aqui não vim pedir-te
nem conselho nem dinheiro
nem medalhas nem amantes
— então que vim eu fazer?

por que estou eu a falar
se é com ninguém que eu falo
a maior parte das vezes...
— não pergunto nem respondo

não respondo porque sendo
eu próprio a perguntar
nada sendo senão eu
nada sei e não respondo

tudo vejo cá de dentro
se pergunto é porque sei
se não sei calado fico
e nem a mim mesmo pergunto

13.8.1992

DUVIDO

Duvido
seja eu mais do que existo
que avisto
desde mim
à ponta do meu braço!

mas insisto
que existo
para além
da ponta do meu braço
porque avisto
dentro de mim o espaço
infinito

de um traço
é que me canso de ser
se percorro os espaços
em que lateja
a aventura
de ser

e me canso do imenso
mais depressa
do que andar cá em baixo
a passo
ofegante
cercado de gente
o João e o Francisco
que me cansam e ofendem

AH, EM QUANTAS COISAS MEDITO

Ah, em quantas coisas medito!
 mas as coisas são assim
 enquanto medito as coisas

mas as coisas são as coisas
 e em mim eu as medito
 como se uma delas eu fosse

entre eu e as coisas vagas
 há um fosso e um abismo
 quando eu sobre elas cismo

porque somos tão distantes
 que quando as ponho na mão
 é como lá pôr universos

o universo tão perto
 até dele faço parte
 e caio por mim abaixo

27.8.1992

VIVO ME ENCANTO

Vivo me encanto
grito e complico
de mim não desisto —
não sei se me explico
e nem se me encontro

não sei estar vivo
e vivo não fico
não sei estar morto
e neste conflito
existo e habito

nem morto nem vivo
ninguém pode estar
ninguém pode ser
nem deixar de ser
enquanto durar

30.6.1992

DE TUDO ME ARREPENDO

de tudo me arrependo
salvo daquilo
que não pude alcançar

em tudo me entendo
salvo no que
me fica a pensar

no mundo viajo
mas é cá por dentro
onde mais fico

e quando não fico
é que não quero
a mim descobrir-me

COM UM CERTO PÂNICO SERENO

Com um certo pânico sereno
fui alcançando os mais velhos
eu que de todos fui
o mais novo e promissor
o mais novo redentor
de um fim distante!

agora vou-me distanciando
quando os mais velhos desertam
e tão perto de estar só
como quando era criança
e queria andar mais depressa
cada vez subir mais alto!

estar na curva da estrada
de onde não se vê mais nada
do que vem lá atrás como sombras
adiante desaparecendo
— este século está findando
e eu por lá desperdiçado

quem me dera voltar aonde...
— aonde voltar sem ter nome?
oiço o silêncio que reflui
perco meus dias tentando
olhar os confins onde existo
sem ter amanhã a onde ir...

quantos são que já lá não estão
quantos por mim já cruzaram
como um clarão passaram e andam
tacteando caminhos e climas —
— vêm do fundo ou dos cimos das cinzas
para onde é que vão ser agora?

23.1.1991

ESTAR MORTO

Estar morto
depois de morto
pouco importa!

Estar vivo
é um conflito
e um atrito

É um nunca
mais acabar
de praguejar!

de espernear
de protestar
de chamar nomes!

Dormir
é que é bom
é estar
do outro lado
— e voltar

É ir onde
ninguém vai
senão a dormir...

Ir e voltar...
dormir...
e acordar...

É ir
aos confins
é descer
ao labirinto

é saber
que se renasce!

19.4.1992

FAÇAM DE CONTA QUE NÃO EXISTI

Façam de conta que não existi
que não me viram que não me vêem
por aqui
mesmo que me vejam ou me tenham visto
passar por aqui
e que me oiçam perguntar pelas coisas
que se passam aqui

só peço uma coisa: que digam
que não me viram que não me vêem
gingar por aclave
porque não fui eu que fiz
as coisas parecerem assim
tudo o que acontece acontece e não fui eu
que as fiz acontecer
tenho andado por ali em vaidade
mas ainda assim digam só
que não me viram
passar por aqui!

porque o pior é culparem-me de tudo
e jurarem a pés juntos
que fui eu que fiz e desfiz
que sou eu que ando a fazer
que sou eu que lixo as pessoas
na minha rua do meu bairro e por um triz
não deito tudo a perder —
digam pois que nunca me viram por aqui
e até
se não é pedir-lhes muito
digam que nunca existi

16.12.1990

OPRESSOR

O opressor
que nos oprimia
eu sabia que existia
mas não sabia quem era
nem se vivia ou estava morto
não tinha nome
porque ainda não o tinha
e então oprimia
para ganhar nome
percorri livros e incunábulo
dentro dos armários
e debaixo dos canapés
e atrás das mesas dos pés de galo
e no poleiro das galinhas
nos chiqueiros e nos charcos
nos tronos e almadias
e nos algibeas e frascos
procurei-o dentro e fora das coisas
das mais ambiciosas às mais ignaras
das solenes às mais apaixonadas
e nós à espera da morte
e do déspota ignoto
inominável e torpe
que parecia vir no tempo
de um dia para o outro
e podia ser aquilo
de quem o nome era nunca!

tudo o que dele sabíamos
ouvir o estalar dos nós dos dedos
que nos faziam dançar
rondós caprichosos

1.7.1990

ESTOU NO FUNDO

Estou no fundo
afundado
proibido
abaulado na mina
de chumbo
de um mundo
pesado
em mim
afundado
no fundo
que para voltar
ao de cima
espero
agora
uma nuvem
com gosto e feitio as
— cencional!

OS SINOS DA MINHA TERRA

Os sinos dizem o que dizem
e o que dizem é eterno
porque dizem sempre o mesmo
antes e depois do mistério

 Não sei o que dizem os sinos
são de bronze mas o bronze
é eterno quando fala
Eu digo tudo o que quero
mas o que transmitem os sinos
é eterno como o bronze
são os sinos são os sinos
são os sinos da minha terra
sinos de bronze e eterno
são os sinos da minha terra
que repicam no meu batizado
alegres no meu casamento
e enquanto repicam eu espero
que dobrem pela minha morte
enquanto haja quem os oiça
ó sinos que tocam em mim
desde a infância até ao fim

ÍNDICE

GALIZA	7
HOMEM DO MAR	9
CONQUISTA	12
UM SANTO	13
NO RIO	14
A ÁGUA DO TANQUE	15
UMA RAINHA	16
O LOBO AJOUJADO	17
DIA A DIA SERVIA AO GATO	18
CUMpra-SE!	19
NOVAS PROFISSÕES	20
AMADEUS MOZART	21
A CRIANÇA	22
ESTÁ NOS JORNAIS QUE LEOPARDOS	23
UM PINTOR	24
O PINTOR DE BISONTES	25
OS BÚFALOS	26
O SAGRADO METAL	27
REUNIMO-NOS TODOS	28
EN-VOLVENDO	30
O OBJECTO	31
OLHOU-ME	32
POR CIMA ROLAVA	33
VAGO ENCONTRO	34
Ó NOITES	35
FUGIDIO COMO UM VERSO	36
BRINCO COM AS LETRAS	37
POEMAS RECOLHI	38
HÁ PALAVRAS E PALAVRAS	40

SUSPEIÇÃO	41
E QUASE CAÍRAM DE CU	42
DE TEMPOS A TEMPOS	44
ALGUÉM CRESCE	45
LÁ EM BAIXO	46
UM DEUS TEM MIL OLHOS	47
UM ANO	48
ESTE POEMA INFRUTÍFERO	49
QUE FAREI DAQUI PARA DIANTE?, PERGUNTO	51
CANSADO	52
RECORDANDO RECORDAÇÕES	53
PENSOU TANTO	54
AH, SE EU FOSSE UM DIA FERIADO	55
NÃO CONTEM COMIGO	56
DOENTE	58
COMO SABER SE ESTOU MELHOR	59
ANDO UM POUCO TRISTE	60
ANDO UM POUCO TRISTE	61
NÃO SABEMOS ONDE ESTAMOS	62
AO FIM E AO CABO	63
MOLDAM-ME RITMOS	64
POR MAIS QUE PENSE	65
MEU TEMPO	66
SE EU CÁ ESTIVESSE	67
QUE ME IMPORTA A ETERNIDADE	69
É CERTO QUE O TEMPO SE ESGOTA —	70
PARA MORRER É QUE SE NASCE	71
SEM SABER PORQUÊ SOFREMO	72
SEMPRE QUE ME DOI PROCURO	73

O EU QUE EM MIM SE DISSOLVE	75
GENTE QUE BATE EM SI MESMA	76
A DEUS DIGO E NÃO DIGO	77
DUVIDO	79
AH, EM QUANTAS COISAS MEDITO	80
VIVO ME ENCANTO	81
DE TUDO ME ARREPENDO	82
COM UM CERTO PÂNICO SERENO	83
ESTAR MORTO	85
FAÇAM DE CONTA QUE NÃO EXISTI	87
O OPRESSOR	89
ESTOU NO FUNDO	91
OS SINOS DA MINHA TERRA	92

DA EDIÇÃO ORIGINAL
EXECUÇÃO GRÁFICA
DIANA – LITOGRAFICA DO ALENTEJO – ÉVORA
JANEIRO DE 1994

DEPÓSITO LEGAL N.º 74607/94
ISBN: 972-95980-0-2

